

A MEMORIA

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Redacção e impressão, Typographia SILVA CALDAS
Ruz da Rainha, 126Responsavel
Domingos José da Silva

GUIMARÃES, DOMINGO 18 DE NOVEMBRO DE 1900

LUZ!

Assim como o misero cego acaricia e ama o bordão a que se arrima, seu companheiro inseparavel, que o guia e como que lhe falla numa linguagem que só elle comprehende, nas horas de profunda melancolia, acabrunhada a alma, sentindo as asperezas do tempo e dos homens, que lhe negam, insultando-o, o obulo de que precisa para não perecer á mingua; assim como a debil creancinha, de olhar meigo e fascinante, formosa como as madrugadas virginaes de temperada primavera, busca, loucamente, para consolar-se, a mãe querida que a adora; assim como a doirada abelha inquieta vae haurir do calix da flôr mimosa o nectar dulcissimo, que a satisfaz;—assim nós, infelizes viajeros, que nem tormentosos vendavaes conseguiram ainda deter, cheios de fé e de esperanza, como o fanatico, que caminha por veredas desconhecidas, nos affeioamos desde ha muito ao cultivo d'esta arte bellissima das letras, aperfeçoando-nos pouco a pouco, disfarçados, é certo, ou pelo anonymato ou pelo favor dos amigos, que teem em subida consideração o fructo de nenhum valor, das nossas locubrações successivas e gratas.

Interessadamente procuramos a luz e ella approxima-se, convencidos como estamos de que não a tem só quem não quer.

Esta ardente sede, que vamos saciando progressivamente, estudando muito, bendizemol-a a cada instante e Deus permitta que ella nos não deixe em breve, afim de que possamos chegar ao ponto culminante, que o nosso querido ideal marcou.

Uma publicação como esta, embora depreciada por ignorantes e ociosos, é uma escola utilissima para os que, modestos e sem renome, pretendem demonstrar publicamente que lhes não falta nem intelligencia nem vontade para se assimilarem aos individuos que alcançaram uma enorme reputação, muitas vezes porque a sua posição social ou mesmo os seus bens de fortuna a suggeriram, que não os seus dotes intellectuaes, rudes e de somenos importancia...

E é esta distincção odiosa, servilissima, que retira do campo milhares e milhares de combatentes, sem duvida sufficientemente adestrados, mas sujeitos, por inveja, ao exame *minucioso* e apaixonado de adversarios, tão impotentes, que chegam a vér numa assignatura um talento, antes de apreciar a obra. O nome do auctor e a fama, adquirida ás vezes por uma futilidade, julgam a producção. É um julgar ambiguo e anómalo.

Todos sabemos que abundam os litteratos sem valor; porém, cumpre advertir que essa pobreza póde ser ainda um manancial riquissimo de aptidões, porquanto lá está lançada a semente— a aspiração,—que garante o bom resultado, se os mestres prestarem tambem o seu valioso auxilio aos que pretendem

engrandecer-se, tão louvavelmente, pelo trabalho aturado e honesto.

Creiam os que nos leem que não despresamos ninguém.

Venham a nós os que desejarem luz, organisemos um grande cortejo e avancemos.

Sem luz não podemos desbaratar os nossos inimigos. A treva, só por si, definha e mata cruelmente.

Viver ignorantes, sempre, sempre, á mercê das ondas traiçoeriras do acaso, é doloroso.

Evitam-se muitos males, manietam-se muitos braços, que nos ameaçam despiadadamente.

Assim o crêmos sinceramente e de certo não admite refutação este modo de vêr as cousas.

Sermão do centenário de S. Antonio

PRÉGADO EM LISBOA (1895)

*Omnis qui facit iustitiam,
ex ipso Deo natus est.*

Aquelle que veio ao mundo destinado aos combates da justiça com o gladio de uma palavra eloquentíssima, posta ao serviço da verdade, e abroquelado pelo talento e pela virtude, pôde dizer-se que no seio de Deus nasceu.

N'este caso está Santo Antonio, o notabilíssimo missionario do seculo XIII, o conego regente de Santa Cruz de Coimbra, o humilde franciscano dos Olivaeis, o eminente cathedrico de Boloanha e outras academias, o pacificador de Verona e Padua, o piedoso asceta que teve no claustro uma vida de sacrificios e na morte um Thabôr de glorificações: emfim, o Thaumaturgo portuguez cuja festa centenal do nascimento celebramos!

A tradição popular tem-lhe memorado a vida, porque é um poema de amor inspirado nos deslumbramentos da fé e evidenciado na dedicação e nos sacrificios, pois é manancial de virtudes e prestimos, arca de lições e bençãos, jardim de benemerencias e graças, escola de abnegações e sacrificios, que revelam o que o amor tem de mais generoso, o que a piedade tem de mais enlevador e o que a santidade ostenta de mais sublime.

O paiz que dilatou a fé e o imperio por tão largo espaço do orbe, gloria-se de ter sido o berço do mais notavel vulto do apostolado catholico, depois de S. Paulo, do mais invencivel polemista, depois de Santo Agostinho; e Lisboa, a cidade de marmore e de granito, or-

gulha-se distinctamente de ser a patria illustre do mais notavel orador sagrado do seculo XIII; por isso no logar do nascimento de Santo Antonio erigiu um sanctuario, com as taboas do seu berço construiu-lhe um altar, com a luz dos seus primeiros sorrisos accendeu-lhe uma lampada, com a corrente das suas virtudes engrinaldou-lhe uma poetica tradição, do burel do penitente, da estola do missionario, da açucena da sua pureza e da cruz dos seus sacrificios fez trophêos de gloria e architectou-lhe arcos de triumpho!

Quando dois seculos depois que o Santo se dirigiu á Mauritania para pregar o Evangelho, Portugal ia alli colher os laureis do triumpho e as palmas do martyrio, quem sabe se o pharol que guiava os varrões e caravelas do Infante D. Henrique e a gloriosa esquadra dos filhos de D. João I, que iam levantar o peristyllo das nossas conquistas africanas, quem sabe se a luz que conduzia alli o nosso paiz, era a cruz que lá tinha levantado o frade portuguez, o missionario Santo Antonio de Lisboa?!...

Um incidente imprevisto não deixa que o ardente apostolo realise toda a sua acção civilisadora na Africa; as febres prostram-o, e elle, ao voltar á patria, é colhido por um temporal que o faz ir aportar á Sicília.

Então na prôa do navio, agoutado pela ventania, affrontando o marolhar das alterosas vagas e o descendeoar da tormenta, a figura magestosa do frade portuguez erguia-se olympica como a imagem do Justo em presença dos destroços de um mundo, segundo a bella expressão de um conhecido poeta latino.

O burel do habito repellia como uma conraça o embate das vagas; o peito do asceta resistente como uma forte muralha, zombava dos escarcus; o peito de Antonio ardia no incendio do amor divino em tão elevada pressão como a das combustões geologicas que transformam o carbone na lyapidá lagrãma do brilhante.

Elle, o pobre e humilde franciscano, está alli suspenso sobre os abyssos do mar, tendo de um lado as plagas de Africa onde o sol esbrazeia com os raios a prumo, e do outro lado as praias da Italia, alumiaadas pelos clarões do Vesuvio, que arremessava pelo espaço torren-tes de lava!

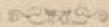
Mas o Santo é a imagem viva do vulcão, do mar e do sol, com o fogo da sua dedicacão, com a torrente da sua eloquencia, com o esplendor das suas virtudes!

PADRE F. J. PATRICIO.

N. da B.

Era inédito o artigo publicado no passado numero, firmado pelo nosso illustre collaborador o revd.º padre Francisco José Patricio.

A UNS OLHOS



Olhos que choram sem cessar,
Olhos que riem a chorar,
Abençoae quem vos quer tanto!

Bemdito seja o vosso olhar,
Clareo d'amor, brando luar
Que as almas unge com setr pranto!

Quando eu morrer, allumiae
No meu enterro! derramae
A vossa luz, bendita luz!

Que eu sinta bem no coração
O vosso olhar, como um perdão
Vindo dos olhos de Jesus!

Coimbra.

JOAQUIM COSTA.



ESPIRITAS

(PAGINA DAS MINHAS «MEMORIAS»)

(Continuação)

Claudino disse ainda muitas outras coisas dignas de prolongada meditação, que desgrazadamente se me varreram da memoria. A sala parecia adormecida; a luz do candieiro enfraquecera mais, eu bocejava...

Quando elle findou, duas raparignitas, ambas loiras, ambas magras, ajoelharam aos lados da mesa, ergueram as mãos e começaram cantando, numa melopeia plangente, uns versos impossiveis:

Jesus, Jesus, Jesus!
Fogo intenso
Que abraza e incendia
Amor puro e immenso
Que chamma ateia.

E os seus olhitos claros fitaram-se insensivelmente no retrato do Christo que pendia da parede e fora presente da *Federação Espirita Brasileira*.

A sua voz dôce subia e ao mesmo tempo um grande canção pesava sobre mim.

Ellas iam dizendo as doçuras do amor de Jesus e eu, circumvagando o olhar por toda a assembleia que parecia adormecida, sentia um desejo immenso de sahir d'ali: da tristeza d'aquelles canticos alegres, do convivio d'aquelles rostos somnolentos. Mas já a voz rematava:

Abrasa-te em chamma
De pura oração
Louvares proclama
Alegre Sião;

e, tendo-se sentado as duas crianças, um espectaculo bem mais curioso começou.

Todos agora tinham os olhos fitos em Claudino que esfregando as mãos como era seu costume perguntou:

—«Diga menina Anna, viu alguma coisa?»

A menina Anna, a primeira da fila, uma magrita encolhida a um lado com as pontas do chale côr de café apanhadas sobre o regaço e o lenço de seda puchado para a cara, tossicou e respondeu:

—«Eh, senhor Claudino, vi assim uma coisa a modo de uma parreira muito grande, cheia de cachos d'uvras tambem muito grandes e debaixo d'ella estavam umas tijelas cheias de mel.»

—«Não viu mais nada?»

—«Não senhor, senhor Claudino.»

Elle explicou immediatamente, voltando para fóra as palmas das mãos ossudas, que aproximou diante do peito e depois apartou num largo gesto:

—«A parreira que esta nossa irmã viu é o symbolo da Igreja; os cachos de uvras symbolisam a palavra de Jesus, que como as uvras é doce e prestavel; os vasos cheios de mel são o symbolo das bençãos de Deus, e o estarem debaixo da parreira significa que sómente aquelles que se acolhem á sombra da Igreja e ouvem a palavra de Jesus, gosam das bençãos de Deus.

Foi interrogando em roda, e todos tinham visto alguma coisa, que elle explicava.

Um vira um rio d'agua crystallina, correndo entre prados verdes, que era o rio da graça de Deus; outro uma oliveira que como nos idos tempos mythologicos, symbolisava a Paz, e á sombra doce da arvore uma mulher vestida de azul e branco que era a Igreja Espirita; outro vira uma barca em meio de um mar encapelado, saqueada por corsarios, que era a Igreja incomprehendida, maltratada e assaltada pela sociedade moderna, préversa como um grande mar revoltoso; outro ainda vira o proprio Claudino, cercado por um halo resplandecente, tendo na mão um vaso de azeite, o symbolo do Espirito-Santo cuja doutrina elle ensinava.

Eu achava tudo aquillo absurdo e curioso; mas o que mais me interessava saber era o que teria visto a morena que agora tinha aberto os olhos doces e continuava a sorrir com aquelle ar enigmatico e velhaco que tanto me preoccupára.

Ella era a derradeira. O Pontífice interrogou-a com a formula invariavel:

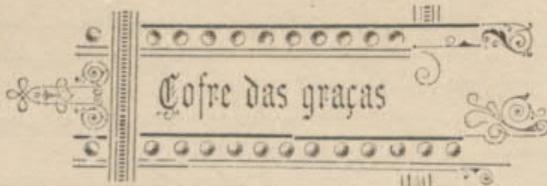
—«Diga, menina Elisa, viu alguma coisa?»

E ella respondeu, desviando de nós o olhar e fitando o pavimento:

—«Eu, senhor Claudino, vi...

(Continúa)

/ HOMO.



Fazem annos as ex.^{mas} sr.^{as}:

Dia 22—D. Antonia Leão Barbosa.

Dia 24—D. Josephina Leão da Cruz
Barbosa.

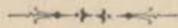
» » —D. Maria Beatriz Monteiro de
Meira.

» » —D. Josepha Adelaide de Meira.

E os ex.^{mas} sr.^{as}:

Hoje 18—Jeronimo de Castro.

Dia 20—Antonio Emilio de Quadros
Flores.



Notas intimas

Continua ainda entre nós e não se reti-
rou no dia 14 como nos constara, o sr. Ar-
cebispo Primaz, D. Manoel Baptista da Cu-
nha.

O illustre Prelado foi hontem para Vi-
zella, onde tenciona demorar-se oito ou dez
dias na visita de diversas freguezias, vol-
tando depois novamente a Guimarães.

*

Regressou da Povia de Varzim, um
pouco melhor da grande enfermidade que
ali a acommetteu, a dedicada esposa do sr.
Francisco Joaquim de Freitas.

Acompanhou-a tambem a familia do
sr. Joaquim Penafort Lisboa.

*

Tem estado bastante doente o sr. Tor-
quato Ribeiro, estimado negociante de ouro,
na rua da Rainha.

Estimamos o seu prompto restabeleci-
mento.

*

Tambem se encontra um pouco incom-
modado o sr. Serafim dos Anjos Fernandes,
apreciado negociante de pannos.

Desejamos as mais rapidas melhoras.

*

A redacção d'«A Memoria» confessa se-
rem immerecidas as reiteradas referencias
lisongeiras, que o «Jornal de Noticias», do
Porto, tem feito ao seu modesto semanario;
todavia cumpre-lhe agradecer-as muito e mu-
lto, sentindo não poder corresponder a taes fi-
nezas com outras de igual quilate, pois que o
importante diario prescinde, com certeza, de
quaesquer elogios, principalmente de perio-
dicos de nenhum valor como é o nosso.

Igualmente agradece ao digno correspon-
dente do mesmo jornal, o excellentissimo se-
nhor Annibal Vasco Leão, as palavras elogio-
sas, que se leem na sua correspondencia de
14 do corrente.

Hymno de Sua Ex.^a Rev.^{ma} o Senhor Arcebispo Primaz,
D. Manoel Baptista da Cunha, expressamente feito para
ser cantado pelos alumnos das Escolas da Veneravel
Ordem Terceira de S. Francisco, de Guimarães.

Guimarães veste galas festivas
P'ra saudar seu excelso Pastor,
Tradições n'elle vê redivivas
De sciencia, de zelo e d'amor.

(Côro)

Salvé! Salvé! sublime Prelado!
Nossos hymnos ouvi, escutate;
Elles dizem que Vós sois amado:
Sois Pastor, sois Prelado, sois Pae!

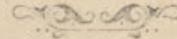
Ao Pastor todo o nosso carinho,
Pois da vida no negro 'sarcêo
Nos aponta bondoso o caminho,
Que conduz nossas almas ao cêo.

Ao Prelado respeito profundo,
Pois de Deus lhe vem todo o poder;
Elle é grande e bem grande no mundo
Por seu zêlo, virtude e saber.

Ao bom Pae os mais ternos affectos,
Sentimentos mais vivos d'amor!
Eis-nos, pois, como filhos dilectos
A saudar o bom Pae, bom Pastor.

Guimarães, 6 de novembro de 1900.

* * *



DEVANEANDO

A Ex.^{ma} Sur.^a D. M. C. A. F.

Como eu era ditoso então! Ajoelhado ante
a aurora immensa d'illusões que illumi-
navam o desabrochar da minha vida,
abrigava, acolhia com prazer, os doces enle-
vos, os estasis sublimes que um coração inge-
nuo e estouvado fazia nascer na minha alma.

Tinha uma irmã, irmã carinhosa e eston-
teadoramente bella que acalentava com amor
os meus sonhos mais arrebatados, terna irmã
que nunca se esquecia de me estender os bra-
ços para que eu n'elles sempre adormecesse.
Chamava-se—Illusão.

Tinha uma mãe, mãe sublime que apara-
va impavida os golpes terriveis que a Adver-
sidade me jogava já. Chamava-se—Fé.

Nunca ellas me abandonavam; para onde
quer que fosse encontrava, sempre a meu lado
a Fé, na minha frente a Illusão.

Um dia não sei que mão negra arreba-
tou de mim a irmã querida da minha alma—
a Illusão.

Pedi á Fé que a fosse procurar, que m'a

trouxe, mas ella, a mãe piedosa que sempre satisfizera com paixão os desejos mais pueris da minha alma, sorriu, sorriu tristemente e ficou. Chorei, implorei, suppiquei e ella acce-deu enfim e foi... foi, mas não voltou! Nunca mais soube d'ellas!...

Que será feito de vós—Illusão e Fé?!... Tenho-o perguntado ás auras que correm, á nuvem que passa, á aragem que murmura... e ninguém me responde... Porque fugistes de mim?!... Quem vos tornou tão cruéis que me abandonaes, indefeso, ante as garras leoninas da Desventura?!...

E eu amava... amava ardentemente uma mulher que o meu coração divinizara, amava-a com toda a expansão, com todo o delirio d'un coração que nunca finha amado...

E este amor tinha sido a Fé, tinha sido a Illusão que m'o haviam esculpido em traços divinos no meu coração. A Illusão nunca me tinha deixado ver de que agruras é feito este mundo e a Fé tinha-m'o mostrado sempre qual rosa sem espinhos... e eu amava, amava com delirio e era feliz...

Mas fuge-me a Fé, fuge-me a Illusão e eu vejo baquer e cair o castello gigantesco em que havia escripto a lettras de fogo—Amor!

E eu sem um amparo, sem um arrimo, sossobrando sob os escombros do meu coração esphacellado, chorei; chorei e choro... choro o tempo em que eu desculdado dormecia nos braços da Illusão, choro o tempo em que eu acordava sempre com um beijo da Fé.

Que será feito de vós—Illusão e Fé?!...

6—11—900.

ANTHISTENES.

NO FIM DO OUTOMNO

Desmaia a verde alfombra a quem outr'ora
O sol beijava em canticos de luz;
E os meus campos nataes estão agora
Envergonhados de ficarem nús.

Andam pelo jardim as pobres flores
Sêccas e fastigadas pela neve,
Já sem aroma nem mimosas côres,
Até que o vento para longe as leve.

E' o inverno a cobrir de triste manto
As gallas festivas da natureza.
E escuro véo também cõbre, entretanto,
A minha alma de magua e de tristeza...

S. Lourenço de Sande.

SILVA GONÇALVES.

ARCHIVO HISTORICO

Emblemas pitorescos

A sul do norte do Castello, suburbios da villa da Povoia de Lanhoso, levanta-se a admiravel e elevadissima penha do Pilar e no cimo da mesma ostenta-se, com a mais solida conservação, a torre de menagem do castello de Lanhoso, e o sanctuario de Nossa Senhora do Pilar, que teem seu principio na magestosa capella do Horto e termina na abobadada Egreja, e entre esta e aquella existem nove calvarios (pequenas capellas) representando passagens da paixão de Christo—sendo uma a que allude ao poço de Jacob, formada em baldaquino.

Subi ás ameias da referida torre e gozareis o panorama mais pitoresco e encantador, estendendo-se a vista até á alcantilada serra do Marão, cujas variadas ondulações, formando bacias retalhadas por crystallinos arroios, fazem um completo e delicioso contraste.

Suspendei por um pouco a vossa attenção d'esses pontos fascinantes que por muito afastados se vos escapam á vista e lançaí os olhos para o que vos fica mais proximo. Lá em baixo sobresaí a villa da Povoia do Castello de Lanhoso. A leste descobre-se o magnifico Sanctuario de N. Senhora do Porto d'Ave, tão bello pela sua obra d'arte e optima posição. Mais proximo e na mesma direcção a egreja de Font'Arcada, que teve convento adjuncto, magnificas obras feitas em 1067, por D. Godinho Fafes, filho de D. Fafes Luz, que foi alferes-mór do Conde D. Henrique, e tinham o sitio do solar na freguezia de Gallegos, d'este conce'ho de Lanhoso; D. Godinho entregou estas obras aos monges beneditinos.

Na mesma direcção descobre-se a longa cumiada de Merouço, a aspera serra da Cabreira, e o monte de S. Mamede, o mais alto da comarca de Lanhoso. Ao poente vê-se a prolongada serra do Carvalho d'Este, e em todas as direcções bellas campinas, e alvos casaes; e na direcção da capital do Minho, o novo templo de Nossa Senhora do Sameiro, que por iniciativa d'alguns benemeritos e religiosos cidadãos de Braga, ali anda em construcção, e a sul descobre-se tambem a elevada serra da Penha, onde importantes obras se estão realisando que tanto honram os Vimaraneses.

Muito podiamos dizer ainda, mas não alongamos mais o artigo, mesmo para quando o viajante curioso subir ás ameias d'aquella mencionada torre, disfructar o muito mais que fica por dizer do rico panorama de que sumariamente nos occupamos.

Povoia de Lanhoso.

FRANCISCO M. M. D'OLIVEIRA.

Obituario

Quando o mundo lhe principiava a sorrir nos lindos horisontes da mocidade, foi levado pela morte no domingo passado, o malogrado mancebo Antonio Fortunato da Silva Basto, filho dilecto do fallecido sr. Fortunato José da Silva Basto.

Ao desditoso extincto uma saudade, e á sua illustre familia os nossos sentimentos.

Com 80 annos de idade, falleceu repentinamente na segunda-feira preterita o sr. Antonio d'Abreu Melgaço, o mais antigo empregado do commercio vimaranense.

Vivia na companhia do sr. José do Amaral Ferreira, ex-negociante d'esta praça, a quem o ligava uma dedicação verdadeiramente familiar.

Paz á sua alma.

Chronica vimaranense

Morrer aos desoito annos deve ser bom... Evitam-se soffrimentos, fofem saudades, descança-se, emfim.

Antonio Fortunato da Silva Basto, que todos conheciamos, falleceu 'num dos ultimos dias, victima da tuberculose, contando apenas desoito annos, pouco mais ou menos. Causa pena; não obstante, já 'nessa idade podemos calcular sem receio de nos enganarmos, quão tortuosa é esta via, que nos mostra a Immensidade, para em seguida nos lançar no precipicio de onde jamais poderemos sahir.

O moço morre glorioso, como o cavalleiro gentil, que foi cuspidado do seu formoso urco no campo da peleja.

Depois de figurar no torneio da vida, garboso, invejavel; depois de entrar no salão luxuoso, com tectos apainelados, soberbos, onde móra a Phantasia, despoja-o esta da rija armadura, illude-o ainda com um sorriso delicioso e foge-lhe: deixa-o ficar num ermo—habitação da Realidade—sózinho, até que, adormecendo, nada mais viu: morreu! Morre a sonhar...

E depois as lagrimas que se vertem no seu ataude engalanado, um bello ataude, como a *toilette* de uma noiva caprichosa, feliz,—lamentos d'alma a liquefazer-se, a cristalisar-se—; só a ti, morto querido, são sinceramente dedicadas, porque legas aos teus uma saudade immorredoiira, á força de ser verdadeira...

As illusões meigas, serenas, doces como as rimas populares, que andam de bocca em bocca; como a prece recitada por grato mendigo, apoz a recepção d'am obulo miti-

gante; como o pranto que banha a face avelludada de feiçoira donzella... são irmãs queridas, que em nos abandonando, infelizes ficamos.

E' por isso que deve ser bom morrer aos desoito annos, porque 'nessa idade, ainda as illusões formam ante-nós um longo cortejo, vistoso, que crumovido nos precede até ao sepulchro amigo...

Mas... não pensarão assim os que feridos foram em pleno peito pela dôr cruciantissima, derivada da perda d'um seu filho, d'um seu irmão...

A philosophia da dôr—filha d'um grande affecto, que mais se purificou ainda no crisol da amargura,—não comprehende outra coisa que não seja a dôr. Não argumenta nem admite argumentos. Fria, dura e invulneravel!

Perdoem-nos esses estas dissertações, inspiradas talvez por um desvario nosso doloroso tambem.

Pensar não é insultar.

SILÈNE.

As festas a S. Nicolau

Os habitantes de Guimarães amam sinceramente as festas tradicionais e humoristicas, que a briosa academia vimaranense costuma fazer ao seu patrono S. Nicolau.

Pode dizer-se afoitamente que o nosso bom povo tem por ellas uma sympathia tão grande, que não pôde, mesmo á vista de outras sem duvida mais pomposas, confessar que as dos estudantes são engraçadissimas, incomparaveis!

Os *zabumbas atrozolores*, as *poeses espontaneas*, as *danças carnavalescas*, as *maças traidoras*, etc. etc., são folias inoffensivas, que despertam a gargallada franca, e accendem nos corações juvenis um enthusiasmo communicativo e extraordinario.

Este anno, segundo nos informam, novas diversões tornarão ainda mais attraheites essas festas, das quaes o programma será opportunamente publicado.

Estamos certos de que o nosso publico concorrerá com o seu valioso auxilio, para que sejam coroados de bom exito os desejos dos esclarecidos mancebos.

A MEMORIA

Preço da assignatura

Cada trimestre (sem estampilha)..	300
» » (com estampilha)...	350
Numero avulso	50
Annuncios, reclames e communicados na 6. ^a , 7. ^a e 8. ^a paginas, linha.....	40
Annuncios permanentes, contrato especial.	

Accusa-se a recepção de quaesquer publicações, quando enviados 2 exemplares.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Albano Pires de Souza.

O QUE É UMA MÃE

Fevereiro corria com as chuvas e frio próprios da epocha.

N'uma d'essas tardes de furta-cores, a pequenita e encantadora Julia estava na janella rindo e gritando, ao contemplar as suas companheiras que lá fóra se divertiam.

Como o seu mais ardente desejo fosse ir ter com ellas, correu para onde estava sua mãe e, com voz acariciadora e meiga, assim lhe fallou:

—Mãe! Mãesinha!... Eu queria ir brincar...

—Não, minha menina, não vaes, que póde chover e o Senhor ralar...

—Ah... deixe-me ir, mãesinha, que hoje não chove mais nem o Senhor ralar... Deixa-me ir que eu dou-lhe muitos abraços? ..

—Pois sim vae, minha tolinha, vae... mas, se chover, foge logo para casa, sim?

—Sim, mãesinha, sim!

E a linda Julia, saltandô de contentamento, dirigiu-se rapidamente para junto de suas companheiras, enquanto sua mãe ficava lidando nos serviços caseiros.

Depois de muitos folguedos e divertimentos, próprios d'aquella encantadora e alegre cidade. Julia foi pelos campos fóra com duas pequerruchas como ella.

Em poucos momentos, espessos nimbos escureceram a atmosphera e principiou de cair grão em grande quantidade, levantando-se ao mesmo tempo forte ventania.

A pobre mãe, sobresaltada, vem á janella e não vendo sua filhinha, sem fazer caso da chuva nem do vento, desce a procura-la por aqui e por alli, mas em vão.

N'um desespero doloroso, banhada em lágrimas, com uma voz em que se consubstanciava toda a ternura e amor d'uma mãe, invoca aquella que é o amparo dos desgraçados e a consolação dos afflictos:

—O' Virgem Santissima! O' Virgem Mãe de Deus!... Valei-me, dai-me a minha querida filhinha!...

E, quando estava n'esta commovedora angustia, uma rapariga, que voltava a toda a pressa da fonte, vendo-a n'aquelle estado, e adivinhando talvez a causa da sua inquietação, perguntou-lhe:

—Quer a menina, sr.^a Angela? Olhe que ella está toda molhadinha lá em baixo, na casa da madrinha!

Que allivio, que consolação, que doçura para o coração da boa mãe trouxeram estas palavras!...

Com a alma a transbordar de prazer e gratidão para Aquella que attendera os seus fervorosos rogos, levanta os olhos ao céu e exclama bem alto:

—Bem dita sejas ó Mãe do Salvador!

Uma mãe é assim,

Guimarães.

J. PEREIRA DE LÍMA.

VARIEDADES

O Crisfo-Azul

(Continuação)

—*Achin achin atch...* Irra!
Cornos de belzebu'...

—A minha pobre besta
anda assim como tu

—Ora o Chico!... e andas fero...

—Eu?... *Fera* minha mana...

Sabes que estou aqui
só co'um dedal de *cama*...?

Ach at... E não nos viamo
há perto de tres annos!

E... e por lá teus manos?

—Menos mal... E os teus?

—Optimamente,

Louvido Deus!

E novidades?...

—As que me dá...

—E te vou dar:

nill coizas más

andam no ar...

—(Que impaciencia!...)

—Numa fallencia

um conto e pico

lá se me foi

co'o malfarecol

Trago demandas...

suspendi obras...

E sete contos

eu dou-te as sobras...

—*Hom'isso*...

—Pois!...

—Não me demoro.

—Espera um pouco...

ainda não chorei...

—mas choram as...

pedras... *alveiras*.

adens...

—E assim te esgueiras...?

Pois então até...

—*Ao barrar das ciras*...

(Contínua)

J. SAID.

JARDIM PUBLICO

A banda regimental executará hoje, se o tempo o permittir, da 1 ás 3 horas da tarde o programma seguinte:

1.^a parte

Hymno Nacional.

Andaluzin—Walsa.

Musica Classica—*Chapp*.

Claro de Luna—Mazurka.

2.^a parte

Dedicação—Walsa—*Gonçalves*.

Cabo 1.^o—*Chapp*.

Badinagem—Polka—*B. da Costa*.

**Antonio d'Araujo
Salgado & C.^a**

Variado sortido de modas e confecções para a estação de Inverno e grande saldo de artigos proprios da occasião.

CAMPO DO TOURAL, 1, 2 e 3.

Guimarães

OBRA LITTERARIA

Um passeio a Vizella e Guimarães

E' o titulo d'um opusculo de que é autor o reverendo José Victorino Pinto de Carvalho, reitor de Mancellos.

Vende-se em Guimarães em casa dos snrs.:

Francisco Joaquim de Freitas; José Joaquim da Silva Guimarães; Manoel Joaquim d'Oliveira Basto.

**CURSO PARTICULAR
PARA AMBOS OS SEXOS**

Este estabelecimento de ensino primario obteve, na presente epocha de exames d'instrucção primaria, o seguinte resultado:

Maria Magdalena Moura de Noronha Araujo, distincta.

Maria da Conceição Pereira da Motta, distincta.

Anna Candida Pinto, 14 valores—approveda.

Antonio Jeronymo Lopes da Cunha, 14 valores—approvedo.

Os professores d'este estabelecimento recebem em sua casa alumnos internos e externos, não se poupando a sacrificios para que elles obtenham, no menor espaço de tempo, o maior aproveitamento possivel, como provam pelas classificações obtidas e acima mencionadas.

As aulas são completamente separadas para os dois sexos, e continuam permanentes.

**LARGO DA OLIVEIRA
(CASA VENANCIO)**

Os professores,

Narciza Rodrigues Leite.

José Leite Mendes.

TYPOGRAPHIA

DE

**ALBANO PIRES DE SOUZA
ANTIGA SILVA CALDAS**

120—Rua da Rainha—122—Guimarães

Impressão de bilhetes de visita desde 120 reis o cento; circulares, facturas, mapas, memoranduns, acções, cheques, enveloppes timbrados e todos os mais impressos para commercio, camaras municipaes, administrações de concelho, repartições de fazenda, juntas de parochia, irmandades e cartorios; rotulos para pharmacia e para vinho; cartas funebres; programmas e bilhetes de espectaculos; recibos e diplomas para associações.

Trabalhos typographicos em todos os generos, desde o mais pequeno ao maior formato.

Preços de todas as obras sem competencia.

Carimbos de borracha, metal e madeira.